

APRESENTAÇÃO

INTERFACES, INTERVENÇÕES E DESLOCAMENTOS: A LITERATURA COMPARADA E OS DESAFIOS DO PRESENTE

Por que a insistência, da parte de diversos pesquisadores em literatura comparada, nas questões em torno das interfaces, das intervenções e dos deslocamentos na produção de saberes comparatistas no mundo atual? Qual seria a relevância destes saberes? Qual seria a pertinência das indagações feitas neste campo epistemológico, e de que maneiras tais indagações se inserem na produção contemporânea do conhecimento, particularmente em um momento em que comparatistas de várias procedências buscam a articulação de sua prática intelectual com preocupações em torno dos imperativos éticos? Que tipo de reflexão pode ser articulado a partir da emergência de paradigmas de análise literária em um momento histórico no qual a qualidade de vida em escala global, a erradicação das exclusões e a luta pelos direitos humanos encontram-se no centro dos debates intelectuais? Muitos pensadores contemporâneos têm salientado o fato de que um dos limites mais insuperáveis da razão humanista ocidental diz respeito às maneiras pelas quais a modernidade lidou com as estruturas de alteridade e de diferença. Na cena do comparatismo, são reforçadas cada vez mais as metáforas conceituais da fronteira, da liminalidade e do *entrelugar*, os processos de transferências, translados e transculturações, as relações dialógicas e contrapontuais, a heterogeneidade, a transnacionalidade e a transversalidade, os trânsitos da literatura e as mesclas de linguagem que a atravessam, noções que se agregam às categorias analíticas de intertextualidade e interdisciplinaridade para rearticular o campo da produção de conhecimento sobre o objeto literário, na perspectiva das (inter)relações com outras áreas do saber e das interfaces do campo literário com a cultura, com a história e com a política.

A proposta deste número da *Organon* foi a de (re)pensar as discussões sobre os rumos do comparatismo, relacionando suas dimensões locais e planetárias, uma vez que os processos de globalização econômica e cultural, de mercantilização dos saberes e do pragmatismo das inovações científicas e tecnológicas têm levado a um desprestígio dos estudos de humanidades. O comparatismo não tem o poder de transformar essa realidade, mas oferece contribuições valiosas no sentido de possibilitar o desenvolvimento de uma sensibilidade crítica, tendo no seu horizonte o respeito à heterogeneidade das histórias e das manifestações simbólicas das culturas, consideradas em suas temporalidades específicas. É por essa razão que, hoje, a literatura comparada pode ser definida pelo movimento da descolonização do pensamento. Assim, o conjunto de textos que se abriga sob o sintagma *Interfaces, intervenções e deslocamentos: a literatura comparada e os desafios do presente* sintetiza o potencial crítico, criativo e

libertário desse movimento: cruzamentos de limites críticos consagrados, questionamentos de paradigmas estabelecidos e trânsitos de textualidades e linguagens.

No artigo assinado por Anselmo Peres Alós, intitulado “Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas”, são discutidos alguns dos pontos críticos relativos ao desenvolvimento da literatura comparada, desde suas origens às angústias contemporâneas da disciplina. O autor explora também algumas das contribuições teóricas não-eurocênticas (particularmente as de intelectuais latino-americanos), as quais são de extrema relevância para a disciplina nestes tempos assombrados pelas incertezas epistemológicas do século XXI, confrontando-as com os três primeiros *reports on professional standards* publicados pela *American Comparative Literature Association* em 1965, 1985 e 1995.

Em “Comparatismo: para um reajuste da geografia da literatura”, Biagio D’Angelo faz uma releitura do comparatismo a partir do desenvolvimento cada vez mais crescente de interesses rumo a projetos e investigações sobre as literaturas pós-coloniais. A literatura comparada, por muito tempo, centralizou-se justamente nas diferenças linguísticas de produções culturais e literárias. Na contemporaneidade, com a intenção de preservar as diversas línguas, resulta estimulante a perspectiva conjunta de certas literaturas, reconhecidas por muito tempo como periféricas, as quais, na multiplicidade de espaços e de discursos linguístico-culturais, geram as histórias e as efabulações de diferentes localidades geográficas. Para tanto, o autor articula uma leitura comparatista em chave ampla das narrativas de Mia Couto, Guimarães Rosa e Luandino Vieira, ressemantizando a compreensão mesma da categoria *lusofonia*.

Uma revisitação à teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar, como estratégia para compreender como a adaptação da obra de R. R. R. Tolkien para as telas do cinema pelo diretor neo-zelandês Peter Jackson, é realizada por Elaine Barros Indrusiak em “Viagem ao centro do polissistema: o papel das adaptações cinematográficas na dinâmica de sistemas literários e culturais”. Neste estudo, a autora centra sua atenção no *boom* editorial da trilogia *The Lord of the Rings* (1954) e na trilogia fílmica homônima, demonstrando que adaptações de textos literários para as telas podem renovar e enriquecer o texto original, reorganizando seu lugar e sua posição nos sistemas literários alvo e de origem e realizando, assim, o que Walter Benjamin concebe como a maior das funções da tradução: conceder ao texto original uma “sobrevida”.

Ivete Lara Camargos Walty, em “Literatura comparada: transculturação e espaço público”, desenvolve reflexões sobre o lugar da literatura na sociedade, considerando a eficiente relação entre a palavra escrita e a formação do espaço público burguês. Retomando a relação entre a palavra escrita e outras mídias, revisita o conceito de *transculturação* em sua relação com o de multiculturalismo, tendo em vista os lugares dos iletrados na produção cultural brasileira. Articulando o arcabouço teórico recente desenvolvido pelos estudos comparatistas, elege a revista *Oca* e a prática da pichação (entendida como intervenção grafemática subversiva no espaço público) como objetos de análise em seu exercício de interpretação comparatista.

Tomando a guerra como metáfora que reverbera nas características formais dos textos literários, Jaime Ginzburg articula a ética e a estética, dando relevo à empatia como categoria de análise. Em “A guerra como problema para os estudos literários”, o autor tece considerações sobre como guerra e literatura podem ser relacionados em estudos literários. Na esteira das reflexões da Escola de Frankfurt, Ginzburg inter-relaciona textos de Guimarães Rosa e Sérgio Chejfec, expondo como ambos confrontam

imagens de guerra, as quais remetem à tradição da épica clássica e às convenções do realismo.

O confronto entre texto literário e texto fílmico é o problema sobre o qual se detém João Manuel dos Santos Cunha em “Graciliano herói: as contingências do humano em contexto de materialidades históricas adversas”. Ao se apropriar de *Memórias do cárcere*, texto de Graciliano Ramos (1953), o cineasta Nelson Pereira dos Santos, por meio da transcrição fílmica de mesmo título (1983), contextualiza e reconfigura social e culturalmente o estatuto do narrador memorialista. Embaçando qualquer possibilidade de relação hierárquica entre textualidades, o filme promove a ressonância de um período arbitrário na história social e política do país – o dos governos de Getúlio Vargas entre 1930 e 1945 – tal como vivido e relatado pelo escritor, em um outro tempo de iniquidades – o da ditadura civil-militar pós-golpe de 1964.

A literatura e o cinema, como sistemas semióticos que possuem características particulares e distintivas tiveram, ao largo de suas relações, momentos de aproximação, de intersecção e de negociação. Articulando as teorias da tradução aos princípios comparatistas e à teoria do cinema, Lucia Sá Rebello demonstra, em “Literatura comparada, tradução e cinema”, que a transposição de um texto literário para o cinema revela não somente as dificuldades inerentes à conjugação de diferentes sistemas de significação, mas também a tarefa sinuosa de recriação estética de uma mensagem escrita em imagens. Para tanto, revisita as teorias da tradução, buscando subsídios para ler a adaptação de obras literárias para as telas como um exercício de tradução intersemiótica.

Já o artigo de Marcos Machado Nunes, intitulado “Aspectos do sublime em uma carta de Gonçalves Dias sobre a Amazônia”, propõe a leitura de uma carta de Gonçalves Dias (datada de 1861), a qual faz uso da categoria estética do sublime. Esta leitura examina a carta no contexto da transculturação da poética do sublime durante o Romantismo brasileiro, seguindo a hipótese geral de que este processo cultural apresenta conexões com a retórica da construção da identidade nacional.

Em “Leitura e crítica do conhecimento na contemporaneidade”, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos reflete sobre a leitura não apenas como reflexo do poder do conhecimento, mas também como um traço importante da atividade crítica, baseada na revisão do conhecimento e na definição de seus próprios termos. Sob a perspectiva da literatura comparada e da produção de conhecimento, o autor tece considerações sobre a natureza da leitura como forma de apropriação do conhecimento, o qual é pensado em termos de seu próprio exercício e execução, remodulando-o através de suas transformações e das várias redes que o compreendem, particularmente quando remodelado pela “mirada contemporânea”.

Rita Lenira de Freitas Bittencourt, em “A política de deslocamentos nos *Poemas civis* de Joan Brossa”, dedica-se à uma avaliação crítica dos deslocamentos realizados na poética autoral do escritor espanhol. Os versos de Brossa, de acordo com Bittencourt, promovem a indissociabilidade entre a poesia e a plástica, entre a palavra e o objeto, entre o orgânico e o protético, projeto que será desenvolvido pelo poeta, com coerência notável, ao longo de toda a vida. A leitura por ela proposta considera a mescla de linguagens e o interesse de Brossa em exibir a materialidade criativa índices de uma dicção que, estrategicamente, escapa da cartilha ortodoxa e explora os efeitos de uma política de deslocamentos que justamente por ser aguda é também arguta.

Ricardo Araújo Barberena, em seu artigo “A identidade latino-americana na

literatura pós-moderna: as múltiplas confessionalidades no *limiar* da nação”, busca problematizar os deslocamentos identitários de uma paisagem cultural latino-americana atravessada por plurais processos de afiliação simbólica e afetiva, em uma época especialmente significativa no que se refere à disseminação de escrituras pontuadas por sujeitos-margem, interditados por um *ser/estar* em migrância e travessia. Entre tantas obras que atestam essas múltiplas confessionalidades e memorialidades do eu, o autor faz uma análise comparativa dos romances *Cidade de Deus*, de Paulo Lins e *As noites de flores*, de César Aira.

Já o artigo “Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino”, assinado por Rita Terezinha Schmidt, explora o legado de um dualismo central da cultura ocidental – o binômio natureza vs. cultura – para examinar como o *tropo* da “mulher natural”, construído no período moderno, pesa sobre as lógicas narrativas de dois romances europeus representativos do século XIX (*Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *Ana Karenina*, de Leon Tolstoi). Para estabelecer um contraponto, a autora examina algumas cenas de *The Awakening*, de Kate Chopin, e de *To The Lighthouse*, de Virginia Woolf, para mostrar em que medida a representação da experiência da corporeidade vivida por personagens femininas des-figura os dualismos tradicionais nos quais as normas culturais de gênero se baseiam e, desta maneira, subverte a inscrição do corpo como *locus* de reprodução da feminilidade.

No artigo final desta edição, Zulma Palermo propõe a realização de uma reflexão sobre o “cânone ocidental” e as premissas subjacentes aos critérios de validação da produção artística. Para tanto, Palermo explora visualmente alguns textos – em diferentes suportes – selecionados para esta finalidade, o que possibilita colocar em crise os critérios diferenciadores entre “arte” e “artesanato” gerados pelo paradigma da modernidade ocidental. A partir da discussão de obras, como as telas da brasileira Tarsila do Amaral, bem como de esculturas, pinturas e artefatos de tecelagem pertencentes ao acervo do Museo de Arte Etnico Pajcha, em Salta (Argentina), a autora demonstra que tais categorias são consequência de um projeto hegemônico cujo poder se sustenta até nossos dias.

Encerra esta número da *Organon* uma entrevista com Eduardo de Faria Coutinho, comparatista de destaque nacional e internacional e que, juntamente com Tania Franco Carvalhal, fundou, em 1986 – na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre – a Associação Brasileira de Literatura Comparada, e a resenha do livro *Maria com Marcel: Duchamp nos trópicos*, de autoria de Raúl Antelo, assinada por Maria Salete Borba.

Por fim, cumpre-nos agradecer aos colegas que participaram deste número da *Organon* com textos e reflexões que registram o alcance do olhar comparatista na variabilidade de estratégias teóricas e críticas e nas experimentações de descompartmentalização dos saberes, o que vem atestar a vitalidade do *ethos* da literatura comparada diante das interpelações do presente.

Anselmo Peres Alós
Rita Terezinha Schmidt
Organizadores